

Saia de casa

DE 10 A 16 DE NOVEMBRO



Pedro Paulo Figueiredo/Canta Z Notícias

STAND-UP COMEDY

O ator e humorista Paulinho Serra (foto) encena, neste fim de semana, o espetáculo *Paulinho Serra em pedaços*, no Teatro Brasil 21 Cultural (Sala 3, SHS, Q. 6). No stand-up, o comediante conta histórias inspiradas em episódios verídicos e interpreta vários personagens, inclusive o Traficante Gay. Sessões: sábado, às 21h; e domingo, às 19h. Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia). Valores sujeitos a alteração. Informações: 3039-9296 e 9658-4727. Não recomendado para menores de 14 anos.

NOITE DE SAMBA

O cantor e compositor carioca Rodrigo Maranhão faz show pelo projeto Samba de Bamba, amanhã, às 20h, na Caixa Cultural (SBS, Q. 4). Acompanhado pelos músicos Marcelo Caldi (sanfona e piano), Nando Duarte (violão 7 cordas) e Márcio Gama (percussão), Rodrigo canta músicas do novo disco, *Itinerário*, como *Mantra* (composta com Pedro Luís), *Iara* e *Rua da Preguiça* (com PC Castilho). Os sucessos *Samba de um minuto* (gravado por Roberta Sá) e *Caminho das águas* (conhecido na voz de Maria Rita) também estão no repertório. Ingressos na bilheteria do teatro a R\$ 20 e R\$ 10 (meia). Não recomendado para menores de 12 anos.

COMÉDIA EM DOSE DUPLA

Sidney Sampaio e Felipe Cunha estrelam *As sereias de Zona Sul*, comédia de Miguel Falabella, no Teatro dos Bancários (314/315 Sul; 3262-9090). Sábado, às 21h; e domingo, às 20h. Ingressos na bilheteria do teatro a R\$ 70 e a R\$ 35 (meia também para doadores de 1kg de alimento não perecível). Não recomendado para menores de 12 anos. A montagem *Não existe mulher difícil*, com André Bankoff, tem sessões sábado, às 21h, e domingo, às 20h, no Teatro Unip (913 Sul). Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia). Informações: 3551-6069. Não recomendado para menores de 15 anos.

TRAÇOS DINAMARQUESES

Curvas sinuosas e irregulares, assimetrias, transparências, opacidade, cores e textura são elementos presentes no design produzido na Dinamarca que desde o século 19 é exportado para o resto do mundo. A exposição *Design dinamarquês: mestres e ícones* traz peças que contam a trajetória de uma aprimorada produção de objetos de uso diário. As peças podem ser vistas a partir de sexta, no Museu Nacional Honestino Guimarães (Conjunto Cultural da República, Setor Cultural Sul, Lt. 3; 3325-5220). Até 4 de janeiro, de terça a domingo, das 9h às 18h30. Entrada franca. Classificação indicativa livre.

COREOGRAFIA BRASILENSE

Edson Beserra, Lavinia Bizzotto e Marcos Buiati apresentam o espetáculo de dança *Vinil de asfalto*, no Teatro Plínio Marcos (Complexo Cultural Funarte; 3322-2076). As coreografias têm como referências a arquitetura e o plano urbanístico de Brasília. De quinta a sábado, às 21h; e domingo, às 20h. Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia); R\$ 5 (para quem estiver de bicicleta). Não recomendado para menores de 12 anos.

BATUQUE BRASILEIRO

De amanhã a domingo, o festival São Batuque celebra a diversidade da percussão brasileira com oficinas e shows em algumas cidades do Distrito Federal. A oficina de percussão com Alafin Oyó, na Sede do grupo Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro (813 Sul), abre a programação. No sábado, Côco de Xambá Bongar, Filhos de Dona Maria e Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro se apresentam na Praça dos Orixás (prainha ao lado da Ponte Costa e Silva). Domingo, no mesmo local, a música é com Ilê Axé Oyá Bagan, Alafin Oyó e Karynna Spinelli (PE). Toda a programação tem entrada franca e classificação indicativa livre. Informações: 3024-8481.

>> entrevista ELZA SOARES

Tema de documentário, cantora exalta a capacidade de se reinventar na arte e na vida

“Eu sou agora”

> VANESSA AQUINO

Elza Soares exalta raça e paixão por todos os poros. Passou fome, correu atrás de patrocínio e até pensou em parar de cantar para criar o filho Garrininha — fruto da união com o craque das pernas tortas Mané Garrincha. Aliás, o torto para Elza é o certo. A conclusão veio quando a fonoaudióloga concluiu que as cordas vocais de Elza Soares são tortas e, de tão tortas, se acertam. Daí a voz que é quase uma onomatopeia e se tornou a marca registrada. “Cada vez que eu pegava a lata d’água na cabeça, fazia esse barulho”, diz Elza para explicar que não tem nada eletrônico na garganta, mesmo que a nota que faz ao brincar com o contrabaixo não exista. Ao *Correio*, Elza falou sobre o preconceito que sofreu ao longo da carreira, por ser negra e mulher. Considerada uma Fênix, ela diz que é preciso renascer das cinzas e expor a carne negra, custe o que custar.

O documentário lhe encanta?

Eu acho importante porque eu nunca falei muito da minha vida. Todo mundo conhece a Elza de antes, mas não a Elza de agora. É disso o que o documentário trata: da Elza agora, por isso o nome *My name is now*. Eu não quis expor muito a minha vida. Porque eu não sou ontem, não sou amanhã, eu sou agora. Agora eu sou. O importante é ser agora.

A cineasta Elizabeth Martins diz que você é uma fênix. Você se considera forte dessa forma?

Eu acho que sim. Porque eu sempre estou renascendo. Eu luto muito e não posso parar. Estou correndo atrás sempre. É a vida.

Você disse que não queria um documentário que falasse de dor e sofrimento. Qual é a essência do documentário?

Desde o começo a proposta foi essa. É muito chato ficar falando de dor, de sofrimento. Não! Vamos falar de vida. Acho que o povo está necessitado de abraço, de carinho. Eu sinto isso e tenho certeza que muita gente sente também. Aquele abraço, aquele carinho, aquela verdade. Acho que é disso que todos estamos precisando.

A sua história de vida está muito atrelada à história da música do Brasil...

É verdade... é uma história muito forte e até por isso as pessoas já sabem o que passei. Até hoje corro atrás de patrocinador. Nunca tive um patrocínio para minha arte. Eu corro atrás das coisas, nada cai do céu para mim.

Sua vida tem mais episódios de prazer ou de dor?

Acho que de prazer. Porque toda dor se torna um prazer depois. Não é isso?

De onde vem essa voz que parece uma onomatopeia? Quando começou a cantar assim?

Desde criança. Quando comecei a cantar, eu tinha uma voz diferenciada. Meu pai e minha família não queriam porque, naquela época, mulher que cantava era prostituta. E, até hoje, a palavra que eu mais gosto é “prostituta”. Juro... Porque, no fundo no fundo, todo mundo se prostitui. Acho que no fundo a gente se prostitui muito...sem saber.. mas se prostitui.

Como, por exemplo?

No trabalho, o salário, aguentar empresário, aguentar patrão. Às vezes, a mulher está menstruada, morrendo de cólica, mas ela tem que ir trabalhar. Brigou em casa com o marido, com o namorado, tem que chegar em casa

Pivetz Produções/Divulgação



Nunca tive um patrocínio para minha arte. Eu corro atrás das coisas, nada cai do céu para mim”

Acho que no fundo a gente se prostitui muito...sem saber.. mas se prostitui”

e fingir que está tudo bem, porque senão é mandada embora. Mas tem que ir, tem que ir atrás do dinheiro. E isso acontece com as mulheres, principalmente.

É verdade que você tem a corda vocal torta? Como descobriu isso?

A minha fonoaudióloga, em São Paulo, fez um trabalho com a minha garganta... Inclusive, ela está indo agora para os Estados Unidos estudar a minha garganta. A minha corda vocal dá uma distorcida...dá uma distorcida legal e eu não sabia disso. Minha corda vocal de tão torta é certa.

Você canta com muita emoção, sempre. O que a música representa para você?

Quando eu escutei Seu Jorge cantando *A carne*, eu vi que estava faltando a gritar. *A carne* é um grito que a gente busca... “A carne mais barata do mercado é a

carne negra”... Como vou cantar isso sem dar um berro? Quando eu canto *Meu guri* também procuro contar uma história. O Chico (Buarque) escreveu uma história de uma mãe pobre inocente que achava que aquele guri era a coisa mais linda e mais certa do mundo e que um dia chegaria a um lugar muito alto. *Meu Guri* também é meu grito.

Quando canta *Carne* você faz uma interpretação emocionante, bate no peito... De que forma o racismo afetou sua carreira?

Como eu disse, eu nunca tive patrocínio. Meu patrocínio sou eu. É por isso que dizem que eu sou uma fênix. A fênix quando volta, volta inteira. É o que acontece comigo. E quando eu canto, eu troco o bico, a pele e a carne, a carne negra que é linda e maravilhosa. E isso vale para qualquer mulher. A gente fez tanta coisa para chegar a algum lugar, quem não sutia para ter direitos iguais. Se nós, mulheres, não lutarmos, isso não vai ter válido de nada. Temos que fazer alguma coisa.

Conseguiu se recuperar da cirurgia na coluna?

Estou me recuperando. Não é fácil. Eu descobri que tenho vértebra de criança, não é vértebra de adulto.

Das coisas que fazia antes e não pode mais, o que mais te faz falta?

Salto alto. Eu também tinha um piercing no umbigo e tive que tirar. Não era um piercing qualquer, tinha um brilhante. O piercing nem faz tanta falta, mas o salto alto me faz uma falta louca.

E sambar?

Claro, faz muita falta, porque ficar sem sambar é um castigo.

Você se considera uma sobrevivente?

Não sei o que eu me considero, não. Juro que eu não sei. Acho que eu sou um ser humano estranho. Talvez por tudo que aconteceu

comigo, tanta coisa na vida... aprendi a ter paciência resignação. A vida me acalma. Tem hora que a vida dá umas porradas e diz: “acorda, pô!”

Como você vê o tratamento que o governo e a sociedade tem dado às minorias?

Hoje, fazendo um retrocesso, eu vejo que a minoria é a maioria. Esse povo, que faz parte de mim, hoje pode estudar, viajar de avião. Sei que ainda falta muita coisa para a saúde, para educação... Mas eu acho que houve uma melhora tão grande que nós, a minoria, considerados os descartáveis, estamos melhorando de vida. O filho do porteiro faz faculdade. Isso é muito bom. E eu não quero retroceder.

O que precisa ser feito, com mais urgência na luta contra o racismo e a homofobia?

Consciência, vergonha, educação. Com isso melhora. O problema é falta de educação e de consciência do corpo e da mente.

Você conheceu alguns dos grandes nomes da música internacional. Como foi seu encontro com Louis Armstrong?

Ele me chamou de “my daughter”, mandaram eu chamá-lo de “my father”. Pensei que estava chamando ele para fazer outra coisa (risos). Falaram: “Vai lá e chama ele de “my father”, falei: “não, não vou fazer isso, tá louco. E se ele aceitar, se ele gostar, o que eu faço?”. Mas cheguei perto do negão e ele: “yeah, my daughter”, e eu ainda entendia que ele estava me chamando de “doutora, (doctor) e eu pensando: “Pô, o cara me chamando de doutora o tempo todo, meu nome é Elza, Elza Soares”. Aí me explicaram que ele estava me chamando de “filha” e falaram também o que era “my father”.

www.correio brazileNSE.com.br
Leia a entrevista completa com a cantora Elza Soares.